

Macunaíma

Roteiro de Leitura
Carlos Rogério

Mário de Andrade

Em 1922, a Semana de Arte Moderna anunciava um novo tempo na literatura brasileira. Os talentos que despontavam — Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, principalmente — reivindicavam liberdade na produção escrita:

*Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro*

O texto acima — **Pronominais**, de Oswald de Andrade — exemplifica bem quais eram os princípios modernistas: a forma do texto, se se propunha que fosse autenticamente nacional, deveria ser fiel à fala do brasileiro. Na verdade, o movimento de 22 nada mais era que uma reação contra os princípios ditados pelos poetas parnasianos, que, à sombra da Academia Brasileira de Letras, faziam da produção poética um ato quase sagrado — no pior significado que a palavra possa ter —, como se a língua portuguesa fosse algo a ser idolatrado e como se cada influxo popular fosse uma mácula em sua configuração perfeita. Cientes de que tais influxos eram, na verdade, parte vital e autêntica do legítimo falar brasileiro, os modernistas propuseram a introdução da fala coloquial no texto literário e fundaram, portanto, uma nova tendência na literatura brasileira.

Mário de Andrade, nascido em 1893 e falecido em 1945, em São Paulo, é o mentor do movimento, e **Macunaíma**, sua obra-prima, em que os falares, as lendas, os costumes tipicamente brasileiros surgem como pano de fundo das aventuras do protagonista, o herói de nossa gente.

MACUNAÍMA: O NASCIMENTO DE UM HERÓI SEM NENHUM CARÁTER

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas¹ pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma².

Já na meninice fez coisas de sarapantar³. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— *Ai! Que preguiça!...*

Notas:

- 1 - Negros filhos da África que moravam no Brasil. Note que Macunaíma é índio e negro;
- 2 - O nome significa “Grande Mal”;
- 3 - Espantar.

O primeiro capítulo de *Macunaíma* esboça as linhas gerais do caráter — se é que ele existe — do protagonista. Como se observou no trecho acima, Macunaíma é herói autêntico, *de nossa gente*, como quer o narrador; nascido de mãe virgem, sem que haja em todo texto referências ao pai, aproxima-se de personagens míticas e lendárias. No entanto, o mesmo herói apresenta-se preguiçoso por não querer falar, traiçoeiro por possuir a mulher de um de seus irmãos e leviano quando atíça as mulheres por baixo d'água, na hora do banho. Já nas primeiras linhas, Macunaíma parece, no mínimo, contraditório, pois não se espera que um herói faça de tudo para ganhar dinheiro sem muito esforço.

Os *manos* Maanape e Jiguê acompanharão Macunaíma em todas as suas aventuras. Aquele, já idoso, é feiticeiro e livrará, com mágica, em toda narrativa, o herói de seus atos inconstantes e irresponsáveis; o outro, *na força de homem*, será traído por todas as suas mulheres, encantadas que ficavam com o irmão-herói. Sofará é a primeira delas, que “brinca” — tem relações sexuais — com Macunaíma quando o leva para passear no mato. Descoberta pelo marido, é espancada e devolvida ao pai.

A relação de Macunaíma com os irmãos é curiosa: mesmo que ele os coloque em situações desconfortáveis, Maanape e Jiguê seguem fiéis, como se não se importassem com as *coisas de sarapantar* do herói. No entanto, quando Jiguê se vê traído, toma da caça que Macunaíma conseguira e lhe deixa apenas as tripas: *O herói jurou vingança*.

MAIORIDADE FALSEADA

A vingança é rápida: assim que Jiguê arranja outra mulher, Macunaíma também a possuirá. Iriqui é belíssima — *todas as manhãs passava coquinho de açaí nos beijos que ficavam totalmente roxos* — e também acaba brincando com o herói que, por ter negado comida aos irmãos, acaba sendo expulso do mucambo — a palhoça em que moravam —, condenado a não crescer mais. No entanto, depois de encontrar-se com o Currupira — Deus que protege as florestas e que tem os pés virados para trás — e com a cotia, consegue o tamanho de um homem:

Macunaíma fastou sarapantado mas só conseguiu livrar a cabeça, todo o resto do corpo se molhou. O herói deu um espirro e botou o corpo. Foi desempenando crescendo fortificando e ficou do tamanho dum homem taludo¹. Porém a cabeça não molhada ficou pra sempre rombuda² e com carinha enjoativa de piá.

Notas

- 1 - Desenvolvido fisicamente;
2 - Estúpida.

Graças a um feitiço da cotia, Macunaíma poderia ser homem no corpo, mas não na cabeça. A maioridade é parcial, falseada, como se o herói fosse um pouco homem, um pouco moleque.

A morte da mãe encerra o capítulo. Macunaíma mata uma veada e surpreende-se: o animal era, na verdade, sua mãe, que se transforma numa colina. Assim, o herói, seus irmãos e Iriqui partem pelo mundo.

CI, A MÃE DO MATO, E A MUIRAQUITÃ

Seguindo por um caminho no mato, os viajantes deparam-se com Ci, a mãe do mato, que dorme tranqüilamente. Macunaíma a possui — depois de muita luta — com a ajuda dos irmãos e torna-se Imperador do Mato-Virgem, o que lhe rende a escolta de muitas aves em todos os lugares a que vai.

Ci tecera com os próprios fios de cabelo uma rede para que pudesse brincar à vontade com o herói. Tanta “brincadeira” fará que Ci engravide e tenha um filho com Macunaíma. O nascimento do filho do Imperador do Mato-Virgem é motivo de festas, visitas e mimos intermináveis, mas a alegria dos pais dura pouco: o garoto será morto ao mamar o leite materno, envenenado pela Cobra Preta. Desapontada, Ci sobe ao céu para se tornar a estrela Beta Centauro, mas deixa para seu marido o amuleto benfazejo que será sua obsessão em todo o texto:

Terminada a função a companheira de Macunaíma, toda enfeitada ainda, tirou do colar uma muiraquitã¹ famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta Centauro.

Nota

1 - artefato de jade ao qual se atribuem qualidades de amuleto.

A muiraquitã garante a felicidade a Macunaíma — com ela, ele será *marupiara* eternamente — e é seu vínculo eterno com Ci, de quem sente saudades e ciúmes até o final do texto. No lugar em que foi enterrado o filho do casal nasce um pé de guaraná.

PERDE-SE A MUIRAQUITÃ

Tendo transformado a muiraquitã em tembetá — enfeite para o beijo — Macunaíma e seus irmãos partem e encontram-se com uma cascata que está chorando. Atormentado, o herói pergunta o motivo de tanta tristeza e ouve a história de Naipi e Titçatê, feitos pedra e planta, respectivamente, pela boiúna Capei — a senhora das águas ou cobra grande. Indignado, o herói se diz disposto a enfrentar a boiúna, que surge imediatamente. Depois de derrotada, torna-se a lua, mas o herói não pode cantar vitória pois havia perdido a muiraquitã no meio da luta: sem ela, jamais poderia ser feliz novamente. Graças a um uirapuru, descobre que seu amuleto está em São Paulo, nas mãos de Venceslau Pietro Pietra, comerciante peruano, que é, na verdade, Piaimã, um gigante comedor de gente:

Então o passarinho uirapuru agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz¹ porque perdera a muiraquitã na praia do rio quando subia no bacupari². Porém agora, cantava o lamento do uirapuru, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara³ não, porque uma tracajá⁴ engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde para um regatão⁵ peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo⁶ lá em São Paulo, a cidade macota⁷ lambida pelo igarapé⁸ Tietê.

Notas

- 1 - Infeliz;
- 2 - Árvore frutífera;
- 3 - Feliz;
- 4 - Tartaruga de água doce;
- 5 - Comerciante;
- 6 - Endinheirado;
- 7 - Importante, grande;
- 8 - Trilha de canoa, rio.

Começa a busca incansável de Macunaíma e seus irmãos pelo amuleto.

VENCESLAU PIETRO PIETRA OU PIAIMÃ

O quinto capítulo de *Macunaíma* merece atenção especial, pois nele surgem detalhes importantes para o andamento da narrativa. É curiosa a primeira providência tomada pelo herói para ir a São Paulo: ele abandona, na Ilha de Marapatá, sua consciência, assim como faziam os antigos seringueiros da região do rio Negro, dispostos a tudo para enriquecer. Parece que não haverá limites para o herói sem nenhum caráter e nenhuma consciência. Também são notáveis as provisões levadas por ele e seus irmãos para que pudessem sobreviver na grande cidade: munem-se de quarenta vezes quarenta milhões de bagos de cacau, antiga moeda corrente, trocados na Bolsa de Valores por oitenta contos de réis.

Prontos para a viagem, encontram a água encantada que fará de Macunaíma um homem branco, louro e de olhos azulados e de Jiguê um índio, *da cor do bronze novo*. Como Maanape não conseguira se banhar, ficou negro mesmo. É preciso reparar que os três irmãos parecem, agora, simbolizar as três etnias que foram formadoras da nação brasileira.

Em São Paulo, o herói encanta-se com as mulheres brancas, *filhinhas da mandioca*, e com as máquinas, sobre as quais reflete:

Macunaíma passou então uma semana sem comer nem brincar só maquinando nas brigas sem vitória dos filhos da mandioca com a Máquina. A Máquina era que matava os homens porém os homens é que mandavam na Máquina... Constatou pasmo que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostálgico assim. Até que uma noite, suspenso no terraço de um arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

— *Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há empate.*

Não concluiu mais nada porque inda não estava acostumado com discursos, porém palpitava pra ele muito embrulhadamente muito! Que a máquina devia de ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos só porque não tinham feito dela uma Iara¹ explicável mas apenas uma realidade do mundo. De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens. Macunaíma deu uma grande gargalhada. Percebeu que estava livre outra vez e teve uma satisfa² mãe. Virou Jiguê na máquina telefone, ligou pros cabarés encomendando lagostas e francesas.

Notas

- 1 - Mulher bela que vivia nos rios e lagos. Ela provocará Macunaíma no final do texto;
2 - Satisfação.

A ciência de que os homens eram máquinas faz Macunaíma sorrir imediatamente e transformar seu irmão em um telefone: ao herói resta desfrutar da realidade de São Paulo. Jiguê será transformado em telefone várias vezes para que Macunaíma xingue a mãe de Venceslau Pietro Pietra.

Tendo descoberto onde morava o gigante comedor de gente, Macunaíma enfrenta-o pela primeira vez, mas se dá mal: é alvejado por ele e morre, mas volta à vida graças à feitiçaria de Maanape. É no resgate do herói que surge o jogo de truco.

EM NOME DO AMULETO: A TRANSFORMAÇÃO

Para conseguir construir um papiri, — uma barraca — Macunaíma engana seus irmãos e acaba criando o futebol. Disfarçado de francesa, tentará recuperar a muiraquitã, seduzindo Venceslau Pietro Pietra:

Então Macunaíma emprestou da patroa da pensão uns pares de bonitezas, a máquina ruge, a máquina meia-de-seda, a máquina combinação com cheiro de casca-sacaca¹, a máquina cinta aromada com capim cheiroso, a máquina decoletê úmida e patchuli, a máquina mitenes², todas essas bonitezas e se vestiu assim. (...). Era tanta coisa que ficou pesado mas virou numa francesa tão linda que se defumou com jurema³ e alfinetou um raminho de pinhão paraguaio⁴ no patriotismo pra evitar quebranto.

Notas

- 1 - Planta usada em feitiçaria;
2 - Luvas;
3 - Planta com que se fazia um néctar embriagante;
4 - Planta que, segundo a crendice popular, evita mau-olhado.

Repare que Macunaíma chama todas as *bonitezas* de *máquinas* porque são invenções da industrialização. Pronto, o herói provoca Piaimã, como se fosse mulher, pedindo seu amuleto, porém, tornado objeto dos desejos do gigante, acaba fugindo dele por todo Brasil. Conseguindo livrar-se, mas invejoso por não ter uma coleção tão bonita como a do rival, decide colecionar palavras feias.

MACUMBA: O RITUAL EM QUE TODAS AS GENTES DO BRASIL SE ENCONTRAM

Cansado de tentar recuperar a muiraquitã, o herói vai a um ritual de macumba para tentar vingar-se de Piaimã. Lá, encontra-se com todos os tipos de pessoas — *gente direita, gente pobre, advogados, garçons, pedreiros, meias-colheres, deputados, gatunos, taifeiros, curandeiros, poetas, portugues senadores, vendedores, bibliófilos, pés-rapados, acadêmicos, banqueiros, ladrões, senadores, jecas, negros, senhoras e futeboleres* — e pede a Exu que o deixe dar uma sova em Venceslau Pietro Pietra, o que, de fato, acontece, mas Macunaíma se cansa de tanto castigar o gigante.

INFIEL ÀS PROMESSAS: VEI, A SOL, DECEPCIONA-SE COM O HERÓI

Depois de conseguir as frutas da árvore Volomã, Macunaíma é jogado numa ilha habitada pela ninfa Alamoia — Fernando de Noronha - e, dormindo debaixo de uma palmeirinha, fica sujo de fezes de um urubu que estava encarapitado — acomodado — na planta. Encontrando-se com Caiuanogue, a estrela d'alva, pede a ela que o carregue para o céu, mas ela nega, alegando que o herói estava fedido, mandando-o tomar banho: é a origem da expressão *Vá tomar banho*. O mesmo acontece quando se encontra com Capei, a Lua. A única que o ajuda é Vei, a sol, que o leva ao Rio de Janeiro e lhe promete uma de suas três filhas, que o limpam, com a condição de que o herói seja fiel. Obviamente, quando sozinho pela primeira vez, Macunaíma não cumpre a promessa e “brinca” com uma *portuga* que conhece na cidade; quando flagrado, é abandonado por Vei e suas filhas e troca a pedra Vató — pedra que dá fogo — por um retrato no jornal. É também neste capítulo que surge a máxima que o herói repetirá até o final do texto:

Pouca saúde e muita saúde os males do Brasil são.

“Macunaíma, como todo brasileiro que sabe um pouquinho, vira pedantíssimo.”

É com essa frase que Mário de Andrade explica a *Carta pras Icamíabas*, cujo objetivo era pedir dinheiro às amazonas, mas que se reveste de descrições sobre São Paulo, sobre a industrialização, as paulistas e as diferenças entre o bom falar lusitano e o falar vulgar das ruas. Estudioso das vulgaridades e virtuosismos da língua portuguesa, Macunaíma redige a carta com o empolamento típico dos autores parnasianos, alvos frequentes das críticas dos modernistas, sem notar que comete erros condenáveis pelos gramáticos:

De tudo nos inteiramos e satisfatoriamente, graças aos deuses; e muitas horas hemos ganho, discreteando sobre o z do termo Brasil e a questão do pronome “se”. Outrossim, hemos adquirido muitos livros bilíngües, chamados “burros”, e o dicionário Pequeno Larousse; e já estamos em condição de citarmos no original latino muitas frases célebres dos filósofos e os testículos da Bíblia.

Ao mesmo tempo que emprega termos eruditos — *satisfatoriamente* e *outrossim* — engana-se ao citar os versículos da bíblia, que se tornam testículos. As discussões sobre o pronome *se* e o *z* da palavra **Brasil** são ironias claras do autor: perde-se tempo demais com detalhes insignificantes da língua, segundo o ideário modernista, deixando-se de lado o falar popular, autenticamente nacional. É curioso observar que Macunaíma envia a carta, sobretudo, para pedir dinheiro e mascara seu objetivo com a linguagem e as descrições das maravilhas e dos habitantes da modernidade: é mais uma manifestação do (mau?) caráter do herói, que não esconde estar “brincando” muito com as paulistas, maravilhado que estava com elas.

A ORIGEM DO CRUZEIRO DO SUL: CONTINUA A CRÍTICA AO EMPOLAMENTO DO DISCURSO

Como Venceslau Pietro Pietra estava machucado por ter apanhado muito graças à macumba do herói e guardava muito bem a muiraquitã, Macunaíma estuda o brasileiro falado e o português escrito. Um dia, passeando pela rua, uma bela moça coloca em sua lapela uma flor, e como Macunaíma não sabe que aquele buraco se chamava lapela, dá a ele o nome de *puíto* — ânus — vocábulo que acaba se alastrando entre as pessoas, ganhando até etimologia nobre: segundo os estudiosos, a palavra teria vindo do latim. Ciente do mal entendido e da falsa etimologia que a palavra acaba adquirindo, Macunaíma ri. Passeando, observa, no dia do Cruzeiro, um *mulato da maior mulataria* discursando sobre o Cruzeiro do Sul. Inconformado, Macunaíma interrompe o discurso e conta para a multidão que se acumulava a verdadeira origem daquelas estrelas: elas eram, na verdade, o Pai do Mutum. Os paulistas, impressionados com aquela história, voltam para suas casas.

Além da ironia clara que se percebe na criação da falsa etimologia da palavra *puíto*, é também o discurso sobre o Cruzeiro do Sul que o herói interrompe a continuação da ironia do capítulo anterior:

- ... *Meus senhores, que o outro discursava, aquelas quatro estrelas rutilantes como lágrimas ardentes, no dizer do sublime poeta, são o sacrossanto e tradicional Cruzeiro que...*
- *Não é não!*
- *Psiu!*
- ... *o símbolo mais...*
- *Não é não!*
- *Apoiados!*
- *Fora!*
- *Psiu!... Psiu!...*
- ... *mais su-sublime e maravilhoso da nossa ama-amada pátria é aquele misterioso Cruzeiro lucinante que...*

O discurso é recheado de lugares-comuns — *rutilantes, lágrimas ardentes, sublime, lucinante* — como que evidenciando o empolamento dos chamados cultos e nacionalistas, na verdade ignorantes, que não conhecem a verdadeira história do Cruzeiro.

OUTRA VIAGEM AO REDOR DO BRASIL

Macunaíma acorda doente — note que é a primeira de muitas vezes que ele adoecerá até o final do texto — e resolve ir caçar com os irmãos. Depois de queimar o mato do Bosque da Saúde, só consegue dois ratos chamuscados, mas mente para seus vizinhos de pensão, dizendo que havia caçado dois veados. Os irmãos revelam a verdade e Macunaíma assume que havia mentido, deixando todos envergonhados, justificando-se: *quando reparei estava mentido...* As saudades de Ci continuam entristecendo o herói, que diz haver um rastro de anta na frente da Bolsa de Mercadorias. Lá, todas as pessoas acabam procurando pelo rastro, e quando Macunaíma diz que ele não existe mais, há revolta: Macunaíma consegue fugir da polícia num bonde e desembarca na casa de Venceslau Pietro Pietra para ver como passava o gigante. Quando consegue o anzol de um inglês para conseguir pescar, é capturado por Ceiuci, que o leva para casa: ele será a refeição. O herói consegue, no entanto, “brincar” com a mais nova das filhas de Ceiuci e foge, correndo o Brasil com a mulher do gigante em seu encalço. Encontra-se com padres em Mendonza, na Argentina, com a surucucu, com a Maria Pereira, no Buraco da Maria Pereira, ainda escondida dos holandeses, e, por fim, pega carona com um Tuiuiu, que o leva para casa. Ambos avistam ainda o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão.

Para ser liberto pela filha mais nova de Ceiuci, Macunaíma teve de “acertar” pelo menos uma das charadas que a jovem lhe fizera:

- *Vou dizer três adivinhas, si você descobre, te deixo fugir. O que é o que é: é comprido roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente?*
- *Ah! Isso é indecência sim!*
- *Bobo! É macarrão!*
- *Ahn... é mesmo!... Engraçado, não?*
- *Agora o que é o que é: Qual o nome do lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?*
- *Oh, que bom! Isso eu sei! É aí!*
- *Cachorro! É na África, sabe!*
- *Me mostra, por favor!*
- *Agora é a última vez. Diga o que que é:*

*Mano, vamos fazer
Aquilo que Deus consente:
Ajuntar pêlo com pêlo
Deixar o pelado dentro.*

E Macunaíma:

- *Ara! Também isso quem não sabe! Mas cá pra nós que ninguém nos ouça, você é bem senvergonha, dona!*
- *Descobriu. Não é dormir ajuntando os pêlos das pestanas e deixando o olho pelado dentro que você está imaginando? Pois si você não acertasse pelo menos uma das adivinhas te entregava pra gulosa de minha mãe. Agora fuja sem escarcéu, serei expulsa, voarei pro céu.*

As adivinhações são parte da cultura popular, principalmente entre as crianças; repare também na proximidade do estilo da escrita com a fala cotidiana, tomando por exemplo o uso de *descobre*, no presente do indicativo, em lugar de *descobrir*, no futuro do subjuntivo.

DA INJUSTIÇA DOS HOMENS

Macunaíma pega sarampão e descobre que o gigante havia viajado rumo à Europa para descansar da sova. Preocupados porque não teriam mais como recuperar a muiraquitã, Macunaíma e seus irmãos pensam em como poderiam ir atrás de Piaimã sem que gastassem dinheiro: resolvem pedir pensão ao governo para o herói, que se fingiria de pintor. Esperando que seus manos resolvam tudo, Macunaíma é enganado por tequeteque — um vendedor — e compra — gastando todo dinheiro que possui — um gambá que, supostamente, defecaria dinheiro; ciente de que não poderá viajar em busca do amuleto porque não conseguira a pensão e perdera todas as economias que possuía, Macunaíma desdenha do velho continente:

— *Paciência, manos! Não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter.*

Depois de correr o Brasil procurando dinheiro enterrado, os manos jogam no bicho para ganhar dinheiro. Passeando na praça Antônio Prado para meditar sobre a injustiça dos homens, encontra-se com um chupinzão grande que fica pedindo comida a um ticotiquinho. Enraivecido pela dependência do pássaro, mata-o e dá fezes ao outro, que, mal tendo perdido aquele que sustentava, pediu comida a Macunaíma.

Depois de morrer mais uma vez, rachando os próprios testículos, Macunaíma é ressuscitado por Maanape, cujos palpites no jogo do bicho são o sustento dos três irmãos.

MAIS UMA MULHER DE JIGUÊ NAS MÃOS DO HERÓI

Depois de ser enganado pela Mãe D'água, Macunaíma passa a ter um caso com Suzi, a nova mulher de Jiguê. Mesmo fazendo mandinga para que as suspeitas do irmão passassem, Macunaíma e Suzi são descobertos e a moça apanha muito, transformando-se na estrela que pula, como os piolhos que ela tinha. É curioso observar que, mesmo tendo sido traído pelo irmão, Jiguê consola Macunaíma, que estava triste pela surra que havia levado.

FINALMENTE O AMULETO

Tendo visto um passarinho verde, Macunaíma testa a sua força e se dá conta de que está forte e pronto para enfrentar o gigante comedor de gente. Livra-se dos carrapatos — que já foram gente um dia, e a quem os brasileiros devem muito fiado — e fica de tocaia na frente da casa de Venceslau Pietro Pietra; depois de afastar o pai do sono — Emoron-Pódole — observa um casal — um chofer e uma criada — “brincando” nas proximidades. É o rapaz que “brincava” que vai levar Macunaíma até a casa do gigante: o herói havia feito amizade com ele depois de lhe contar um caso — a origem do carro, que um dia já foi onça.

Quando o gigante chega, quer fazer de Macunaíma parte do molho de macarrão que sua esposa está preparando, mas a situação se inverte; é o herói quem o joga no caldeirão fervente de macarrão:

Balançou até o gigante ficar bem tonto e então deu um arranco fortíssimo na japecanga¹. Era porque tinha comido cobra e estava furibundo². Venceslau Pietro Pietra caiu no buraco berrando cantando:

— *lem lem lem... si desta escapar, nunca mais como ninguém!*

Enxergava a macarronada fumegando lá embaixo e berrou pra ela:

— *Afasta que vos engulo!*

Porém jacaré fastou? Nem tacho! O gigante caiu na macarronada fervendo e subiu no ar um cheiro tão forte de couro cozido que matou todos os ticoticos da cidade e o herói teve uma sapituca³. Piaimã se debateu muito e já estava morre-não-morre. Num esforço gigantesco inda se ergueu no fundo do tacho. Afastou os macarrões que corriam na cara dele, revirou os olhos pro alto, lambeu a bigodeira:

— *Falta queijo! Exclamou...*

E faleceu.

Este foi o fim de Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente.

Notas

- 1 - Planta trepadeira;
- 2 - Enfurecido;
- 3 - Embriaguez rápida.

VOLTANDO PARA CASA

No caminho de volta para casa, junto com os irmãos, praticamente não há dificuldades. Macunaíma carrega consigo lembranças de São Paulo, sente saudades de Ci e das aventuras com as paulistas. No meio do mato, busca Iriqui, que havia sido abandonada quando o herói e seus manos tinham viajado para recuperar o amuleto. Depois de ser perseguido pelo monstro Oibê, o minhocão terrível, transforma um caramboleiro em princesa e segue viagem. Iriqui, enciumada porque o herói só queria “brincar” com a princesa, vira estrela.

Chegando a Uraricoera, todos, exceto Macunaíma, tentam encontrar comida. O herói descansa e tenta encontrar a consciência que havia abandonado, mas só encontra a consciência de um hispano-americano: toma-a para si e se dá bem da mesma forma.

Como Macunaíma não caça nem pesca, seu irmão Jiguê acaba descobrindo a cabaça e a viola encantadas, que garantiriam alimento à vontade. O herói suspeita da fartura e acaba perdendo os dois instrumentos. Como seu irmão não caça mais, Macunaíma enfeitiça um anzol, que acaba devorando Jiguê, deixando dele só a sombra. A princesa tenta matar Macunaíma — pois estava dormindo com Jiguê —, mas falha: ela e Maanape acabam devorados pela sombra.

Macunaíma, por ser inteligente, livra-se da sombra, que será a cabeça esquerda do urubu-rei. Conta-se a origem da festa do Bumba-meu-Boi ou Boi-Bumbá.

URSA MAIOR

Sozinho — pois as aves que o cortejavam também o abandonaram — e enfiado, o herói vive dormindo, comendo caju e contando as aventuras para um último aruaí que sobrara. O pássaro adorava ouvir as histórias do herói e dormia feliz.

Um dia, Macunaíma se deixou encantar pela Uiara e perdeu as lembranças que trouxera de São Paulo, a perna direita e, novamente, a muiiraquitã. Revoltado, fez de tudo para recuperá-la, mas não conseguiu:

Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra. (...)Macunaíma cismou inda meio indeciso, sem saber si morava lá no céu ou na Ilha de Marajó. Um momento pensou mesmo em morar na cidade de Pedra com o enérgico Delmiro Gouveia, porém lhe faltou ânimo. Pra viver lá, assim como tinha vivido era impossível. Até era por causa disso mesmo que não achava mais graça na Terra... Tudo o que fora a existência dele apesar de tantos casos tanta brincadeira tanta ilusão tanto sofrimento tanto heroísmo, afinal não fora sinão um se deixar viver; e pra parar na cidade de Delmiro ou na ilha de Marajó que são desta terra carecia de ter um sentido. E ele não tinha coragem pra uma organização. Decidiu:

— *Qual o que!... Quando urubu está de caipora o de baixo caga no de cima, este mundo não tem jeito mais e vou pro céu.*

Ia pro céu viver com a marvada. Ia ser o brilho bonito mas inútil porém de mais uma constelação. Não fazia mal que fosse brilho inútil não, pelo menos era o mesmo de todos esses parentes, de todos os pais vivos da sua terra, mães, pais manos cunhãs cunhadas cunhatãs, todos esses conhecidos que vivem agora do brilho inútil das estrelas.

Plantou uma semente do cipó matamatá, filho-da-luna, e enquanto o cipó crescia agarrou num itá pontuda escreveu na laje que já fora jaboti num tempo muito de dantes:

NÃO VIM NO MUNDO PARA SER PEDRA

A idéia de ter uma vida ordenada, que não fosse *um se deixar viver*, assombra o herói. Sem irmãos que o sustentassem, sem cunhãs para brincar e, principalmente, sem a muiraquitã, que o fazia marupiara - feliz - sua existência na terra não tinha sentido. Assim, Macunaíma torna-se a constelação Ursa Maior, graças a Pauí-Pódole, que o herói havia defendido em São Paulo.

O aruaí, último dos pássaros que acompanharam o herói, contou todas as histórias de Macunaíma para o narrador do livro, que se identifica no *Epílogo*, encerrando a história do herói de nossa gente.

A RAPSÓDIA E O ESTILO ORAL

O termo *rapsódia* é definido no *Novo Aurélio* como *fantasia instrumental que utiliza temas e processos de composição improvisada tirados de cantos tradicionais e populares*. Não poderia haver melhor definição para a obra de Mário de Andrade. De fato, o texto é uma coletânea sem precedentes na história da nossa literatura: nas páginas de Macunaíma encontram-se lendas, cantos, expressões e brincadeiras infantis das mais diversas origens, todas brasileiras:

Estava com a boca cheia de sapinhos por causa daquela primeira noite de amor paulistano. Gemia com as dores e não havia meios de sarar até que Maanape roubou uma chave de sacrário e deu pra Macunaíma chupar. O herói chupou chupou e sarou bem.

A crença de que o beijo causaria *sapinhos* não é desconhecida dos jovens de São Paulo, nos anos 90; a cura para os sapinhos, chupar chave de sacrário, é também crendice popular. As origens do futebol, da banana, do truco, do carro, da festa do Bumba-meu-Boi e tantas outras de que se compõe o livro dão a *Macunaíma*, talvez, os ares autenticamente brasileiros pretendidos pelos nossos primeiros românticos. A presença constante da fala coloquial, além de ser princípio modernista, reveste a obra de brasilidade, quando o próprio narrador, no último parágrafo do texto, afirma:

Tudo ele [o aruaí] contou pro homem e depois abriu asa rumo a Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Toda narrativa foi uma grande conversa *em riba* de folhas e as aventuras cantadas na *fala impura*. Não poderia ser diferente.

O HERÓI, O TEMPO E O ESPAÇO

Da mesma maneira, se as aventuras de Macunaíma não poderiam ser cantadas com o ilustre falar lusitano, não poderia haver, para um herói, limites de tempo e espaço. Com efeito, Macunaíma, em muitas de suas fugas, corre, no espaço de duas linhas, por regiões extremamente distantes e encontra, apenas para citar dois, João Ramalho e Bartolomeu de Gusmão. Simultaneamente, a cidade de São Paulo do início do século, caldeirão fervente em que se misturavam imigrantes europeus e a industrialização, é o palco principal das aventuras do herói, contadas numa roda de viola.

